

8 *Adeus à dívida externa*

Pela primeira vez desde o governo Geisel, que terminou em 1978, um presidente brasileiro não tem na dívida externa uma de suas maiores preocupações.

Fernando Henrique Cardoso vai assumir a Presidência da República com cerca de US\$ 150 bilhões em débitos externos de curto, médio e longos prazos — um volume três vezes maior que o legado por Geisel.

Mas o próximo presidente tem na caixa US\$ 42 bilhões em reservas cambiais e ao mesmo montante em dívidas renegociadas pelo prazo de 30 anos com os bancos privados. O detalhe importante é que o acordo permitiu baixo volume de amortização e juros fixos nos primeiros seis anos de pagamento. A questão está tão bem resolvida que o primeiro pagamento relativo a esse acordo, feito em outubro, no valor de US\$ 1,1 bilhão não causou nenhuma grande emoção.

Naquele momento, o País esta-

va vivendo o otimismo em relação à estabilização da economia. A única pendência em relação à dívida externa é a ação judicial movida pelo empresário norte-americano, Keneth Dart, que não aceita refinarçar US\$ 1,4 bilhão em créditos contra o Brasil nas mesmas condições negociadas com os bancos.

A Justiça de Nova Iorque vai decidir a questão, mas o presidente do Banco central, Pedro Malan, acha que dificilmente o Brasil vai perder a parada. Ele conta com a influência que várias autoridades norte-americanas vão ter na decisão da juíza encarregada do assunto.

Estabilidade - O equilíbrio do setor externo, alcançado após dez anos de moratórias e negociações frustradas, depende, no entanto, de que a estabilização da economia seja efetivamente alcançada. Para pagar as importações e o serviço da dívida, o Brasil terá que receber um grande volume de investimentos estrangeiros.